

‘Stabat Mater’ risca no corpo da Virgem Maria o desejo bárbaro de todos os homens

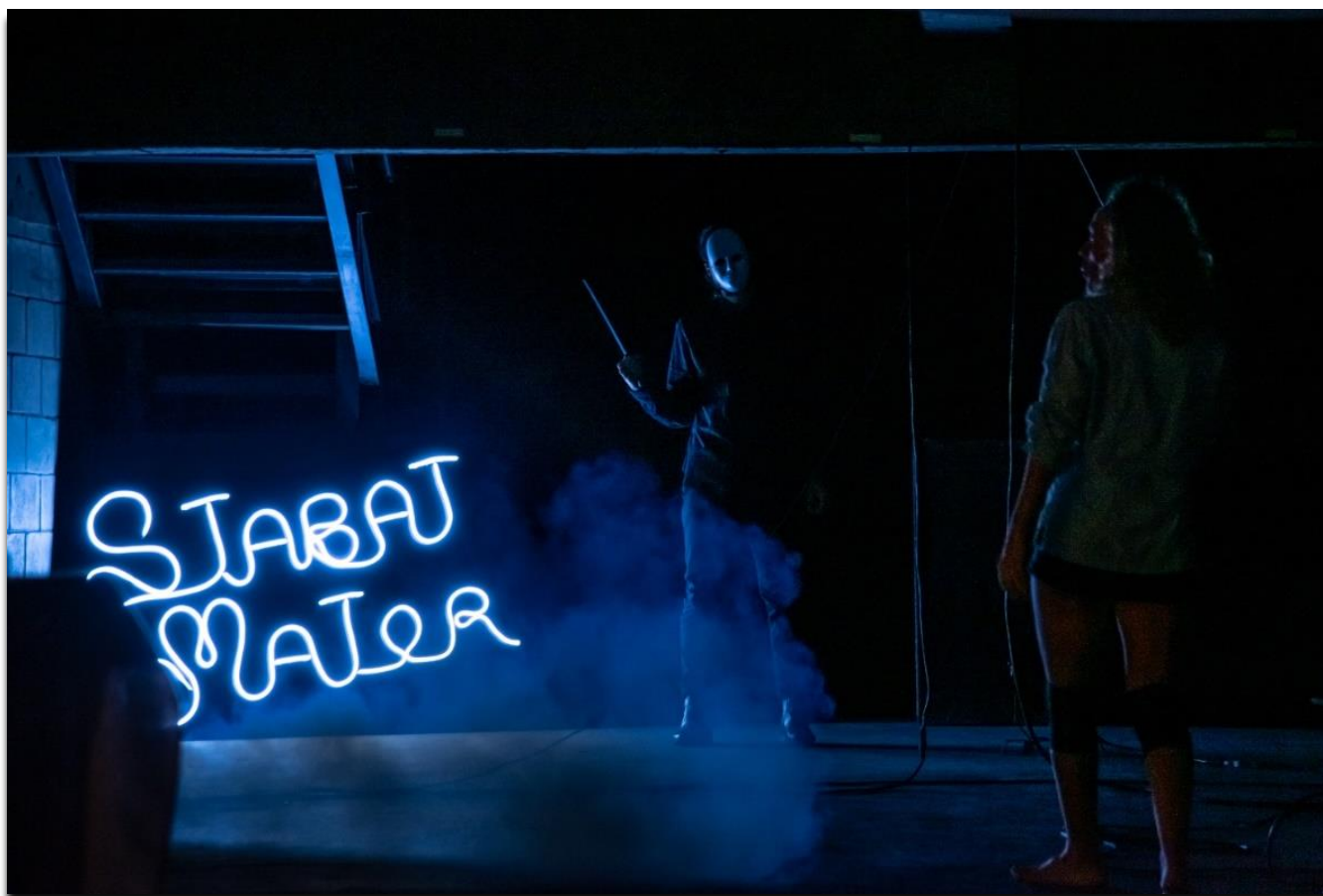


Foto: André Cherri

Não é estranho perceber que a cena teatral paulista atual e ao redor aglutina, entre artistas independentes, uma mobilização criativa, que quase sempre é definida por recorrer a recursos identitários.

Há sete, oito anos, a vocação de coletivos e seus artistas era a de elaborar manifestos contra o que consideram a barbárie de um mundo movido pela mercadoria e os prejuízos da exploração de trabalho.

Com um panorama em desenvolvimento, as pautas identitárias, que versam sobre gênero e sexualidade parecem ter sequestrado os temas econômicos de antes para encarar a poesia de maneira mais “individual”.

Não que os materiais pessoais não movimentassem os palcos antes, ao lado do teatro documentário, com algumas transformações.

É com a mesma verve que os coletivos com mais de dez, quinze anos, condenavam a ação do capitalismo na vida ordinária, a conquista de certas identidades mais contemporâneas, entre artistas de teatro dos últimos 4 anos, exige que sua criação cênica critique o mal – a violência, a LGBTfobia, o racismo, a discriminação – a partir do lhes fustiga a pele, poucas vezes não justificado com manchetes de jornal ilustrativas do tipo o-Brasil-é-o-país-que-mais-mata-LGBTs-no-Mundo.

Nesse sentido, não é inusitado afirmar que este tipo de elaboração para o teatro busca, uma estranha forma de auto purgação por parte de seus intérpretes. Em geral, o acordo com a plateia é de que todos estão em contato com a obra a partir de uma crença comum, não dúvida, vazio, descrença, desinteresse, desconhecimento ou ignorância.

O motivo de ligação ou interesse nos espetáculos, se concentra no rótulo, o quanto a mercadoria, a obra, se identifica com o consumidor, a audiência, e vice-versa. Assim, no palco e na plateia, a catarse que ocorre é na frente do espelho. É Pink, o Money.

A diferença é que artistas do mesmo quilate, mas de outras linguagens, como música, artes visuais e cinema, conseguem que suas obras circulem para fora do eixo dos fãs, justo que pelo formato mais midiático de suas obras e das características da veiculação pelas redes sociais e internet. O velho talento do teatro que cria guetos dentro de guetos.

De alguma maneira, assim como perderam força os tais coletivos críticos do capital (e a juventude com seu vigor), a onda criativa de jovens de um teatro identitário parece carecer um pouco mais de – sofisticação, para prosseguir, ou de redirecionar a fúria das pautas para a concepção de algo mais radical, insuspeito.

Tudo isso serve para arriscar alguns movimentos da criação teatral por SP e do que anda estreando na capital, mas atende pouco para entender o que é o *Stabat Mater*, de Janaina Leite.

Quando o teatro mundial passou a questionar o estado de consciência do artista no palco, o rigor da concentração na interpretação e a repetição de ações como uma marionete, a vida ordinária pareceu brilhar com movimentos inéditos, mesmo que rituais, esportes e festas de aniversário não fossem assim tão espontâneas, mas carregadas de convenções, acordos sociais.

Essa maneira de olhar a rotina e reconhecê-la performática, devolvendo-a espetacular, perfaz os “bastidores” de *Stabat Mater* desde o início da criação do espetáculo. No universo considerado no ensaio da filósofa **Julia Kristeva**, Virgem Maria, Cinderela e Rosemary – no filme de Roman Polanski, são ecos de um ideal do feminino, do corpo passivo que é visitado, invadido, consagrado em sua inconsciência.

Na montagem, a produção cultural e pornográfica tem seu material examinado, como uma investigação nos escombros. Nos filmes de terror, a doce virgem que é discriminada pelas mulheres sensuais e livres é a única que guarda uma estranha ligação com o assassino, e, portanto, a única que sobreviverá.

No entroncamento deste caminho, *Stabat Mater* não teme conjugar desejo e maternidade em cena. Como uma forma de personificar essas entidades mortais, Janaina compartilha o palco com sua mãe, Amália, numa relação de identificação e fatalidade. O que a atriz propõe não parece ser o tipo de material que qualquer mãe gostaria de assistir na plateia, tampouco ser testemunha deles em cena.

Mesmo assim, a dupla traz memórias de infância, como cacós, que compõem a máscara do desejo bárbaro dos homens que não dormem.

Não se trata de ser uma leitura da ação do macho em relação ao feminino, *Stabat Mater* promove uma viagem de assombro sobre certos pactos não falados, sobre um silêncio que entre artistas e personalidades costuma se romper diante dos holofotes.

Em *Stabat Mater*, Janaina elabora o horror cultivando as sombras: não fornece rostos, não esclarece atitudes, não se apieda da justiça, nem mendiga seu corpo na roleta política. Antes gira, gira e gira no sensual eixo da História – a cena mais inestimável do teatro paulistano dos últimos tempos!

Em contraponto à presença de Amália, Príapo, do mito, habita o teatro de Janaina oferecendo um ponto de vista sobre a representação, sobre o ofício dos atores, sobre a emulação do sexo na vida e na indústria pornográfica e como uma grande artista consegue promover um turbilhão de impressões.

O que o candidato confessa à equipe está no campo dos pensamentos desarticulados, coisa rara nesse mundo em que as câmeras antecedem a retórica de falas apenas vazias.

As fronteiras que Príapo profissional reconhece são evocações de um mundo imaginado. O sexo como ação, executado por um profissional é atingido por algo não visível, um bloco que cai, como um fantasma que flutua sobre a cama.

O homem fareja algo que não sabe identificar, e então solicita códigos para se comunicar. O traquejo da ereção como centralidade do evento espetacular, o gozo do pornô, não evita que ele vacile. O homem desconfia, e faz o inacreditável: implora pela convenção.

É como desaprender um comportamento ou não saber como se comportar diante de uma situação. Natural entre as crianças e adolescentes. Sua reação? Sem a segurança do pacto esperado, ele parece acuado, a voz falha. De fato, é um grande filme sobre a vida. De alguma forma, *Stabat Mater* não deixa de apontar para o passado das companhias e coletivos de perfis citados no início deste texto, que por agora ganharam independência da crítica materialista e desbundam na onda identitária ansiosa por justiça.

Mas de maneira bem distante, a montagem de Janaina, e ela também, reconhecem que assim como a vida, os artistas e suas criações precisam amadurecer e saber contar a própria história nem sempre garante esse crescimento, porque às vezes, existe uma ancestralidade, arquétipos dos quais só se enxerga contornos, raramente profundidade.

A boa notícia é que ao lado de artistas amadurecidos, sempre haverá uma plateia madura, que não teme festejar o horror de suas sombras, nem espera que aplaudir a redima de seus pesadelos.

